

ARTE URBANA EM LISBOA: UMA PERSPECTIVA DA SOCIOMUSEOLOGIA EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

Claudia Sidnay Vicente Pereira Pola – ULHT Museologia

RESUMO:

O presente artigo pretende apresentar um breve contexto da Arte Urbana em Lisboa a partir da perspectiva da Sociomuseologia e em diálogo com Paulo Freire. O corpus da análise foi desenvolvido na Quinta do Mocho, bairro social localizado em Sacavém Loures na grande Lisboa, e caracterizado por ter a maioria da sua população de origem africana. Nossas investigações tomam como objetivo geral analisar o bairro da Quinta do Mocho em Lisboa a partir da perspectiva da arte urbana em Lisboa, sua evolução, desafios, seu poder comunicativo, político e social. Interpretando sua potencialidade a partir dos princípios da Sociomuseologia e da Pedagogia Freireana, mais exatamente a partir da obra “Ação cultural para a Liberdade e Outros Escritos”. Como percurso de análise desenvolveu-se uma revisão de bibliografia, levantamento e análise da caracterização do local, vida da comunidade e arte e representação da arte pela comunidade com a realização de entrevistas semiestruturadas com a Comunidade da Quinta do Mocho. Por fim, concluímos afirmando que a pesquisa a campo está sendo programada e será revelado os dados em diferentes pontos de Lisboa para obter um resultado final dentro dos estudos que estão em andamento.

Palavras-chave: Sociomuseologia, Paulo Freire, Arte urbana, Graffiti, Quinta do Mocho

1 INTRODUÇÃO

A Quinta do Mocho, é um bairro social localizado em Sacavém, Loures na grande Lisboa, constituído basicamente de imigrantes africanos, onde a violência tornou o lugar um local difícil de habitar. Entretanto, nos últimos anos observou-se que os graffiteiros do bairro quanto fora, transformaram o espaço físico e social do bairro, com a realização de mais de 100 murais que atraíram olhares de portugueses e de estrangeiros de forma a realizar uma transformação, tanto de sua imagem quanto do seu dia a dia.

A partir das mudanças introduzidas pela arte urbana do graffiti, os moradores criaram grupo de guias turísticos para atrair público para ver os murais e, conseqüentemente, difundir a cultura africana, os murais reforçam a identidade local. A atividade estendeu-se a momentos de confraternização, com organização de almoço típico da culinária africana, o que contribui ainda mais para o diálogo, empoderando e empreendedorismo local.

Esta pesquisa pretende partir dos preceitos da Sociomuseologia ao analisar o material levantado sobre a Quinta do Mocho: documentos organizacionais, registros expositivos, registros fotográficos, matérias jornalísticas, entre outros documentos factuais a fim de diagnosticar os pontos da arte urbana no bairro e analisar o fortalecimento da comunidade a partir da realização da arte do graffiti. O foco de observação será o resgate e a comunicação da memória e da identidade local.

2 NOS CAMINHOS DA QUINTA DO MOCHO: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Quando mensuramos arte urbana projetamos logo que imediatamente para as pinturas nas cavernas da pré-história. Existiram pinturas mais democrática que das cavernas, onde surgiram os primeiros desenhos, os artistas da pré história retratavam os animais que seriam caçados para sua sobrevivencia. E hoje em dia vemos grandes pinturas murais, onde muitos sobrevivem dessa arte onde os graffitis estão por todo o mundo e nos revelam iconografias, críticas, alguns são marginalizados, outros tornaram-se referência nas artes. Os primeiros desenhos é a primeira forma de comunicação e nada mais original do que dar a conhecer a importância do desenho na arte urbana. Revelar a arte urbana em Lisboa, é a proposta desta pesquisa, com foco na Quinta do Mocho.

A arte urbana com seus graffitis estão dialogando com a sociedade, em vários bairros de diversas cidades, e em Lisboa não é diferente. Basta andar pela cidade e vemos o valor da arte urbana que comunica e expande os olhares. O contexto social é revelado pelos graffiteiros que dialogam através de seus desenhos, com passado, presente e futuro, suas pinturas murais provocam o pensamento e olhar crítico.

O graffiti é um pensamento, idéia, sendo o ato de desenhar uma forma de comunicação verdadeira do saber, enfatizando a imagem e o seu poder comunicativo,

presente em todas as formas artísticas, uma expressão de arte que tem o poder de iluminar os olhos.

Sendo uma forma libertária, informal e autônoma de contar a própria história. Neste ponto acredita-se que a sociomuseologia dialoga com a arte urbana, uma vez que produz a história a partir dos indivíduos. A pintura que existe nas ruas, tem atraído a população e está comunicando e, de certa forma, realizando um trabalho social. Esta linguagem direta dos grafiteiros, indivíduos da comunidade, entendemos como o ponto de partida para a conscientização. Os grafiteiros estão construindo uma perspectiva auto reflexiva nos domínios do conhecimento básico.

A liberdade que os grafiteiros expõe com sua criatividade é um ato libertário e fascinante, desmistifica o desenho e desenvolve capacidades de aperfeiçoarem sua técnica informalmente. Edgar Morin (1994, p.7) “O desenho é um pensamento que vai se dissipando entre brumas e obscuridades e aos poucos clareando e se organizando”, dependemos da maneira que apreciamos arte urbana e nos apropriamos desta arte que desenvolvem tudo ao seu redor, passa a ser um pertencimento social.

2.1. Objetivos e Metodologia da Pesquisa

Como objetivo geral, esta pesquisa pretende analisar o bairro da Quinta do Mocho em Sacavém Loures na grande Lisboa a partir da perspectiva da arte urbana em Lisboa, sua evolução, desafios, seu poder comunicativo, político e social. Interpretando sua potencialidade a partir dos princípios da Sociomuseologia.

Já no que tange aos objetivos específicos, buscamos realizar diagnóstico da Comunidade da Quinta do Mocho, tendo como foco a observação dos grafites e seu poder de potencializar o empoderamento da comunidade e sua sustentabilidade através do resgate da memória e do reforço da identidade local, princípios inerentes à Sociomuseologia

Além disso, pretende-se aprofundar na história da arte urbana e da sua trajetória em início dos anos 70 nos EUA, abordar o movimento Street art que tem sido diretriz do Graffiti em Lisboa e analisar em que medida o Graffiti tem ampliado o diálogo da periferia com a sociedade.

No processo metodológico, utilizamos de revisão de bibliografia sobre Sociomuseologia além de constuirmos um levantamento e análise da caracterização do local, vida da comunidade e arte e representação da arte pela comunidade com a realização de entrevistas semiestruturadas com a Comunidade da Quinta do Mocho.

Para o plano da investigação da pesquisa, constituímos os seguintes percursos:

- ✓ Análise de trabalhos realizados sobre o tema de arte urbana e da Quinta do Mocho, análise de documentações, teses, artigos de jornais e etc;

- ✓ Análise dos documentos levantados;

- ✓ Entrevistas em campo com os protagonistas da comunidade e com os grupos de graffiteiros (Onde habitam? Como fazem? Qual seu ideal? O que pretendem para o futuro? Qual o maior sonho? Contrapontos de quem discrimina e defende? Busca-se responder a pergunta de qual a relação desta pesquisa com a sociomuseologia?)

3 ARTE URBANA, GRAFFITI, SOCIOMUSEOLOGIA E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS: UM BREVE ESTADO DA ARTE

Entende-se como necessário compreender o contexto da arte urbana em Lisboa e posteriormente como se deu o desenvolvimento do graffiti na Quinta do Mocho. A real valorização da arte urbana em Lisboa surgiu a partir da criação da GAU Galeria de Arte Urbana de Lisboa em sua operação limpeza para apagar as Tags. Apesar dos graffiteiros serem reconhecidos com uma visão marginalizada pelos habitantes dos centros de Lisboa, a GAU oportunizou o trabalho dos graffiteiros, que iniciou um processo de valorizar os artistas e facilitar o trabalho dos graffiteiros, sendo considerada por alguns como atos de vandalismo, para outros arte como liberdade de expressão, com informalidade e aos poucos vai transformando esse paradigma do graffiti ser um subcultura.

Pedro Soares Neves foi pioneiro nos estudos de graffiti em Portugal, fez um doutoramento com esse tema e alargou o conhecimento na Faculdade de Belas Artes, a pesquisa de Inês Queiroz “Brincadeiras de rua” também foi outro contributo ao perceber que é possível desenvolver políticas públicas que possam desenvolver participação coletiva através de projetos com artistas urbanos.

Os diálogos entre a comunidade e os artistas graffiteiros contribuem para difusão da cultura da periferia o que pode valorizar a arte urbana. A produção de graffiti é amadora e livre, mas já existem grandes profissionais nesta área que se tornaram grandes empreendedores como os graffiteiros Kobra e Os Gêmeos (brasileiros) que tem grande notoriedade com obras no Museu Berardo em Lisboa e várias pinturas em murais na cidade, ambos são reconhecidos no mundo.

O Graffiti dialoga com a Sociomuseologia nos aspectos em que é capaz de promover transformações, segundo Varine Bohan (1979, p.17) a Sociomuseologia são práticas ativas que atuam de forma transformadoras na comunidade. Para Mário Moutinho “O Museu é uma experiência orgânica”, a museologia social lida com a sensibilidade artística, social, reflexiva e prática. Além de possibilitar novas aprendizagens que interferem no meio social e transformam a museologia dos conceitos arcaicos.

A Sociomuseologia tem caráter social e promovem ações que as comunidades participam e posteriormente devolvem com valores humanos em prol da sociedade, sendo considerada um instrumento de cidadania. Para a sociomuseologia os acervos deveriam sempre estar expostos para o público, assim como a arte urbana. Além de vários suportes tecnológicos que interajem e propiciam uma experiência das novas tecnologias. criações de Museus que fazem a diferença na sociedade.

A Sociomuseologia, portanto, integra toda forma de ações museais, com ações diferenciadas. É possível citar como exemplo de museu social em Portugal, o Museu do Casal de Monte redondo onde o professor Dr Mário Moutinho e a professora Dra.Judite nos recepcionaram numa aula prática de restaurar o museu, junto ao grupo dos alunos do Mestrado e Doutorado de Museologia.

O Museu do Casal de Monte Redondo, se localiza em Monte Redondo, aconchegante e acolhedor, repleto de história, pois quem não conhece sua história não reconhece seu mundo. O Museu tem um grande acervo de peças e objetos os quais foram limpos, catalogados, organizados e guardados na atividade realizada com a turma. Foram dias de trabalho árduo, mas com um significado reelvante para abrir um novo olhar, não somente dos objetos, mas de histórias, do entorno, do lugar, onde foram revelados sentimentos, que passam o tempo mas permanecem na memória, de quem vivenciou e ainda tem muito aprender. O grupo de alunos Doutorando e Mestrandos da Museologia ULHT fez um trabalho colaborativo e solidário, vivenciamos momentos únicos enriquecedores de aprendizagem e conhecimento.

Os estudos da Sociomuseologia tem uma direção em especial, dialogar e alinhar relações que visam conhecer comunidades que possibilitam criações de museus comunitários, revelando o passado, o presente e o futuro, recolhendo história, reconhecendo profissões esquecidas e promovendo o protagonismo dos habitantes com inclusão e sustentabilidade. Como diz o professor Mário Moutinho lutar contra o

empobrecimento de valores no trabalho, humano, político, é uma das preocupações de luta da Museologia.

Como diz o professor Mário Chagas: "Uma Museologia que não serve para a vida não serve para nada". Quando a Sociomuseologia proporciona ações que fazem com que as pessoas saiam do seu estado anestésico e entre na estesia, pode proporcionar o homem compreender a realidade de forma mais sensível e contemplativa. Isso é o que nos afirma Martins (2014, p. 23): mas essa contemplação não é o foco somente nos objetos, e sim nas pessoas, sendo os objetos e as suas memórias importantes, pois, jamais vamos desconsiderar o seu valor histórico e memorável. Mas focar a humanidade e as suas principais urgências.

A Estesia “apresenta-se hoje em aliança com a palavra estética, tendo origem no grego *aisthesis*, que significa basicamente a capacidade sensível do ser humano para perceber e organizar os estímulos que lhe alcançam o corpo”. Para além das questões ligadas à experiência estética, a estesia diz mais da nossa sensibilidade geral, da nossa prontidão para aprender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos.

O seu contrário, a “anestesia”, é a negação do sensível, a impossibilidade ou a incapacidade de sentir”. As idéias de experiências estéticas proporcionam crescimento humano, promove diálogos entre comunidades, artistas e poder público, com perguntas que provoquem categorias de pensamento, não somente perguntas de um inquérito, mas instigar o pensar com abordagens com o público.

Alinhando conceitos teóricos com ações mediadoras, que possibilitem o processo de criação de inúmeras reflexões, pois, com diferentes temas podemos contribuir para obter um maior senso crítico e ter um olhar realista e libertador sendo atuante na sociedade e que produza uma transformação social no seu ambiente, nos museus, nas escolas, associações, em ambientes diversos. Dessa forma, a arte urbana revela o empoderamento nas comunidades para que possam intervir em todo o meio social.

De acordo com Demarchi (2014, p. 82): “O lançar-se na vida é uma postura despojada e corajosa, antídoto contra a anestesia, o preconceito, o engessamento e a mecanização”. A Sociomuseologia tem uma força propulsora e transformadora que atinge o contexto social e político, favorecendo uma comunicação e interação com a sociedade, observar o trabalho social que os graffiterios fazem e a partir das suas experiências diversificadas, significativas de necessária abordagem transdisciplinar,

constituem um precioso contributo para a promoção de entendimento significativo sobre a sociedade.

4 A QUINTA DO MOCHO

A Quinta do Mocho é um bairro situado em Sacavém Loures na grande Lisboa, tornou-se um bairro que a comunidade dialoga e transforma, onde estão expostos nas fachadas dos prédios, grandiosos graffitis que emolduram, mas também contribuem para o fortalecimento da cultura e subsistência da comunidade, onde ocorrem visitas guiadas, almoços com a culinária típica africana regados a Cachupa e Mambo, onde o conceito de união e partilha está presente e tem evoluído.

Êfemero por natureza, vai da crítica social, como foi a fase de super-heróis, em que vários personagens de histórias em quadrinhos foram graffitados pela cidade, questionando a falta de sérias lideranças políticas no país, até complexos seres lembrando extraterrestres (ETs). Sempre com muito humor e descontração, contrapõe-se aos outdoors, não procurando levar o espectador à posição passiva de mero consumidor. É, antes, um convite ao encontro e ao diálogo. (GITAHY, 1999, p.16).

São mais de 100 murais dentro do bairro, que segundo os guias turísticos abre um novo olhar, uma galeria a céu aberto o mais democrático possível, que atinge e abrange a todos e participação da comunidade. Envolve todas as fachadas dos prédios, os graffitis, arte urbana de qualidade, acolhe a todos e informa principalmente em cada pintura uma luta contra o preconceito e o quanto a cultura africana é resistente, relevante na história, a pesquisa em andamento vamos descobrindo e revelando novos olhares que possam ser contributos significativos para sociedade. O graffiti marca a identidade da comunidade da Quinta do Mocho. Para Erica Lewis em entrevista a Brasília (2019) “O graffiti é uma representação da vida urbana, em que artistas interagem com a cidade, dão colorido ao concreto e trazem em si uma forma de comunicação”.

Na visita guiada por Ema no dia 7 de Dezembro de 2019, junto ao grupo Paulo Freire e Sociomuseologia da ULHT, foram resignificando várias obras e formando novos conceitos, voltar a Quinta do Mocho é sempre uma alegria são novos olhares que se ampliam, junto as histórias da comunidade e das obras magníficas, algumas permanecem e outras mudam. Mas são sempre surpreendentes conhecer suas histórias, pois são inúmeras.

A comunidade da Quinta do Mocho sofreu muito com um preconceito alargado, onde as ocorrências eram sempre mal vistas e ampliadas pela mídia, acentuando o lado negativo, mas como diz Ema, menos com menos resulta em mais, e por mais que falavam, o menos se reverteu um dia, e com as pinturas e divulgação dos visitantes, os moradores se empoderaram e agora valorizam e ampliam seus sonhos no Bairro.

Desde do início da visita foi contagiante e despertou muita curiosidade entre os doutorandos, penso que seja o olhar feminino que sempre destaca os pormenores, enfatiza as curiosidades. Esse algo mais foi revelado e como diz a Ema, a Quinta do Mocho sofria com o preconceito generalizado, tanto das vizinhanças, quanto dos arredores e as mídias enfocavam, favoreciam as notícias de violência, alarmando mais os moradores e quem ouvia menos prezava tudo que existia no Bairro.

Eram tanto Menos com Menos, que tornou-se agora Mais, uma contabilidade matemática crucial e real do Protagonismo da Comunidade.

Na Casa da cultura de Loures em Sacavém, onde iniciou a visita, existem pinturas realizadas com giz de quadro, onde com o tempo pode ser apagado, mas resisti a temperatura ambiente, algumas vezes os visitantes passam sem atenção, mas as crianças estão sempre com as pestanas e ouvidos abertos, penso que os adultos possam ao educar as crianças no decorrer dos anos, crer que estão certos quando educam, poucos refletem sobre os atos, pois somos adultos conscientes. Mas as crianças são verdadeiras pérolas de conhecimento em pleno desenvolvimento crítico e social, de certa forma, muitas de suas críticas são verdadeiras preciosidades, para alertarmos e olharmos tudo ao nosso redor com mais atenção. E o visível não é invisível aos sentimentos e as crianças estão sempre atentas ao redor. Nos grafites realizados com giz, muitos passam e estão despercebidos das imagens nas paredes, pois são quase transparentes, entretanto as crianças quando visitam, logo percebem as obras pois são

grandes observadoras e tem um olhar mais profundo comparado aos adultos, sendo fantásticos apreciadores de arte.

A invisibilidade dos adultos e a visibilidade das crianças é algo nítido, as crianças observam os pormenores, os adultos as vezes chocam com tamanha habilidade do olhar infantil. Destaco a pintura que saiu ao acaso, onde o artista estava a divagar seu stress e criou, integrando o desuso de papéis e tintas, transformou numa obra de arte original.

Os artistas grafiteiros Zag & Cia com obras que retrata uma esbelta francesa num traje de moda antiga, a pintura da Tartaruga e águia juntamente simbolizando várias visões, como a longevidade, a liberdade.”Os sonhos podem ser lentos mas chegam com o tempo”.

O grafiteiro Maye configura sua crítica social e nos faz pensar, quando integra um jardineiro ao jardim e depois nas paredes dos prédios, realiza uma obra, há um morador que passou correndo e não cumprimentou com Bom dia, como os outros moradores sempre fazem e são muito acolhedores com os visitantes, em protesto realizou a pintura do morador a correr com o saco, em outra obra Esperança do mesmo artista, faz uma reflexão sábia sobre o quanto podemos superar os problemas, um homem desenhado agachado na parede, entrando dentro de um buraco, algo extraordinário do graffiti que dialoga com a comunidade e visitantes.

Esse diálogo aberto que Paulo Freire propõe em seus estudos é algo instigante e motivador, causa uma transformação, pois não somos máquinas somos pessoas.

Remetemos para a frase de “Eduardo Galeano”: “Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um dia um passarinho me disse que somos feitos de histórias”.

As narrativas e histórias são instrutivas e ficam em nossa memória. E as vivências ficam por toda vida.

No Bairro a diversidade de religiões é notório, existem diversas igrejas protestantes, testemunhas de Jeová, adventistas, católicos, muçulmanos, que convivem harmoniosamente como afirma Emma. Um exemplo de esperança que nem tudo está perdido neste mundo de tamanha intolerância religiosa, onde em nome de Deus estão realizando atrocidades em diversos países deste mundo, uma realidade triste e cruel que

pensavamos termos ultrapassado, mas tudo é cíclico vai e volta, e infelizmente algumas coisas do passado ruins estão retornando.

Outro fato importante a relatar que a comunidade é composta em sua maioria africana, e duas famílias ciganas, entretanto houve tempos que teve mais famílias ciganas e ocorreu muito atrito em ambas, com o tempo foram dispersando, pois o convívio teve sua ruptura. A grande parcela dentro da comunidade são de jovens, onde a taxa de natalidade é grande, poucos animais domésticos como cães, e muitas cabras ao redor. Existem muitas crianças no Bairro, mas infelizmente as crianças tem pouco acesso ao divertimento no parquinho, sendo que o parquinho ainda não foi restaurado e está sendo um sonho demorado a ser realizado, pois tudo é política e depende do governo para ser concretizado, entretanto as crianças vão crescer sonhando com esse parquinho e não vão poder usufruir como as outras crianças de outros bairros.

Vamos no decorrer registrando as histórias, caminhando vamos descobrindo na obra de Noé a mulher com turbante, tem uma história relevante, pois quando o artista observou ao seu redor surpreendeu com a beleza das mulheres e quis realizar sua obra, foi aconselhado pela Tia(mulheres que aconselham os moradores), viu que o turbante é o ícone da cultura da africana, onde existem variadas cores, exaltando a beleza da mulher africana, deixou na cor branca para representar todas e o empoderamento feminino. A exaltação da beleza da mulher se destaca também na Deusa africana e reluz nos murais.

O artista Nark é um crítico social, retrata em sua obra Angela Merkel a ministra alemã, na figura infantil, vestida com vestido azul com bolinhas brancas. Como se tudo fosse lindo na Europa, entretanto a Europa tem seu lado cruel em relação aos imigrantes e refugiados, são fronteiras que se fecham e muitos morrem, fugindo das guerras e os mares transformam-se o local de esperança de uma nova vida, os refugiados abandonam tudo, arriscando suas vidas nos mares, é a realidade que os governos estão ocultando com injustiças e construindo grandes muros fechando fronteiras.

Não ocorre justiça em relação aos governos, está sendo cega e desumana, não consegue lidar de forma ética com os refugiados.

O diálogo na comunidade é muito revelador, ocorrendo as vezês conflitos em relação a conservação das obras, ou apagamento de algumas, muitas vezês alguns

artistas reparam na calada da noite. A obra de Bordalo II foi extremamente conflituosa no início, causou um tumulto, pois muitos moradores não gostaram de ver entulhos e objetos descartáveis e grandes na calçada, aliás os moradores ficam extremamente incomodados com os lixos, mas o lixo transformou-se em arte e não somente a obra que está no prédio causou grande alegria, como os próprios moradores ajudaram na construção de outra obra que foi para ser exposta em Alcantâra.

Na pintura em homenagem Amílcar Cabral símbolo revolucionário retratado pelo artista graffiteiro Antônio Alves um graffiteiro da velha guarda, na época que o graffiti era considerado vandalismo, tem inúmeras obras em Cascais e fez homenagem ao revolucionário. O artista Odeith fez também na Quinta o retrato de Gutierrez o secretário da ONU, foi uma obra solicitada pela comunidade e homenageado pelos alunos que se tornaram profissionais de diversas áreas, pois aplicava aulas gratuitas de matemática para os alunos do 10º ao 12º ano como voluntário na Quinta, uma célebre homenagem ao professor, no entanto o artista não assinou a obra pois foi uma encomenda paga pelos moradores, realizou também o retrato de Bob Marley figura provocadora e relevante da música. E lá vem a figura crucial do ensino “o professor”, recordo a história da grande educadora Ana Mae Barbosa que foi em uma aula do Paulo Freire e se tornou professora ao ouvir o grande mestre, foi a primeira mulher doutora em arte educação no Brasil.

Outra obra significativa que representa a Quinta do Mocho é a máscara, o artista luso português Nomem foi o primeiro wither e tem muitas obras em Cascais, sua obra refere aos tempos onde o bairro era considerado violento e os moradores tinham vergonha de residir no Bairro. Mas tudo mudou onde o menos se tornou mais conforme diz Emma, a tinta na parede mudou a mentalidade e o empoderamento dos moradores contribuíram junto aos visitantes que apreciam as obras, incentivos para enaltecer a comunidade, as visitas guiadas se tornaram meios de subsistência, um reflexo positivo na comunidade. O artista Vilhs já de renome retratou um Dj e atribuiu notoriedade aos artistas locais que são 3Djs da comunidade. O Dj Nervoso foi o primeiro Dj, DjFirmeza, e Dj Indo fox ganhador de um prêmio com a melhor mixagem, iniciaram seus estúdios dentro de um quarto. Tornaram se famosos e são da comunidade. As crianças antes eram rejeitadas não sendo convidadas para as festas, hoje em dia quando um morador faz uma festa transforma num evento.

A música é eclética, tendo bandas de rock, integrantes de filarmônicas, estudantes de música, tias que ouvem fados em alto som, e som nos carros dos baladeiros da madrugada, que emendam com o dia, andando pelo bairro sentimos e ouvimos variados estilos musicais, a música é presença constante para se conviver com alegria.

Outra obra instigante dentre tantas é de Zésar Bhamonte a imagem de 2 homens, um sóbrio e outro bebado numa imagem, eu vi, não vi, e depois vi, pode ser cômico ver aquilo que está a frente e não percebemos. Pontuando outras obras, a obra de Smile Belm com a frase: “Nunca deixe de sonhar” é um lema a ser seguido, a graffiteira Tamara Alves que tem várias obras em Lisboa, sua interação com os moradores foi pertinente quando oferece uma obra inacabada para os moradores interferirem e por acaso ainda não foi executada devido a autorização da Câmara de Loures.

Resaltamos que o início desse projeto dos murais da Quinta do Mocho foi iniciado por Sônia Paixão, posteriormente a GAU e a Câmara de Loures seguiram com os trabalhos com projetos paralelos, contribuindo para esse BOOM do Graffiti em Lisboa e apoiando novos graffiti em várias comunidades.

Uma parceria efetiva de favorecer aos artistas e a comunidade, evoluindo como cidadãos conscientes e críticos da sociedade.

Fazendo um paralelo sobre as considerações e os preceitos de Paulo Freire, onde ocorre a conscientização dos moradores da comunidade, consideramos que “O conhecimento não se transfere e sim se cria.”pg114 Livro Ação cultural para a Liberdade Paulo Freire 5 edição-Paz e Terra.

A conscientização segundo Paulo Freire é uma dicotomia, ela não está enraizada nos modelos de capitalismo onde temos o dominador e o dominado, e sim na aprendizagem mútua e reflexiva da realidade. Freire também alerta para a visão ingênua onde a grande maioria é manipulada, observar a realidade com objetividade e subjetividade. O diálogo é algo preponderante pois através dele formamos conceitos e ideologias comuns e não simplistas,contributo para a formação de cidadãos conscientes dos seus valores.

E quais são os valores que precisamos para uma formar uma comunidade com ações efetivas e solidárias, é no ouvir, no caminhar juntos, na exploração de idéias e ideais em conjunto, em prol de uma comunidade com equidade, tolerância e sem preconceitos, colaborando e disponibilizando cada qual com sua habilidade. Quando unimos as idéias algo valoroso é criado, e as ações sempre serão frutíferas, germinando e como diz o professor Moutinho : A Museologia é orgânica”, somos seres em sintonia com os sentidos, cheiros, imagens que apreciamos e codificamos, histórias que narramos e aprendemos. O processo de mudança sempre decorre a favor de quem busca o Bem Comum.

Essa forma de comunicação popular é o foco do desenvolvimento desta pesquisa que apresenta o Graffiti como atividade capaz de realizar a transformação social através de uma comunicação a fim com a Sociomuseologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um modelo de rede de políticas públicas que potenciam e não seguidores do governo, grupos que interagem e trocam experiências e conquistam verbas públicas desenvolvendo ações conjuntas, as ações políticas tem força e obriga o estado a reconhecer a sua política pública estatal, as políticas públicas comunitárias devem potenciar suas ações com solidariedade, estruturada para criar instrumentos de cidadania, além de reconhecer sua matriz cultural e alinhar com outros, tem respeito a diversidade, sendo criativa e libertadora., um protagonismo da comunidade. As associações culturais criam museus comunitários no Brasil desde 1980 no final 1990 se efetiva.

Os movimentos de insurgência surgem e reivindicam, os grupos se empoderam e tem o poder de intervir em sua cultura, mesmo com a falta de recursos econômicos, enfatiza o poder político independente do seu poder. Um espaço para a voz e integração, pois fala no contexto que se pode ser ouvido, valorizando o ser humano, sua diversidade etica e cultural e diferentes expressões culturais. Portanto as ações comunitárias está na base cultural de ações políticas., promovendo e criando livremente, pois reconhecemos o que somos.

O museu da comunidade pontua com ações de divulgação de difusão, troca de experiências, combate so colonizadores e opressores, criam núcleos que fortalecem

troca e acontece uma cooperação, trocas e intercâmbios, promovendo uma criticidade e reflexão crítica social. É de suma importância fomentar legislações que reconheçam as expressões culturais, repensando ações culturais políticas que criem programas e respondam a criatividade. Somos o que fazemos e potencializamos habilidades e múltiplas inteligências, implicando uma discussão do que é Política e Cultura e que ambas estão amarradas, sistematizar a política cultural pois não são ações isoladas, procura se basear nos modelos vigentes para atuar de forma necessária e perceber sem ingenuidade como funciona as ações comunitárias, não perceber somente o lado econômico mas outra perspectiva.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, M; GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), a. 27, n. 41, t. Museologia Social, 2014.

DEMARCHI, R. Estranhamente Bonito... In: MARTINS, M. C. **Pensar Juntos Mediação Cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GITAHY, C. **O que é Grafitti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

LEWIS, E. Entrevista. In: BRASÍLIA. **Grafite que Marca Identidade de Brasília ganha Exposição no Museu da Memória Candonga**. Brasília (DF): SECULT, 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/JLOV2>. Acesso: mar-2019.

MARTINS, M. C. **Pensar Juntos Mediação Cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo: Piaget, 1994.

VARINE-BOHAN, H. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: **Os Museus no Mundo**. Rio de Janeiro: SALVAT Editora do Brasil, 1979.